

ENSINO DE FILOSOFIA ANTIRRACISTA NO IFRN – CAMPUS MOSSORÓ: DIÁLOGOS COM AS AÇÕES DO NEABI E DO NEGEDI

Euza Raquel de Sousa ¹

RESUMO

O ensino de Filosofia no IFRN – Campus Mossoró tem sido um espaço estratégico para a promoção de uma educação antirracista, dialogando diretamente com as ações desenvolvidas pelos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e pelos Núcleos de Estudos sobre Gênero, Diversidade e Inclusão (NEGEDI). Compreendendo a Filosofia como uma ferramenta crítica e emancipatória, o presente estudo investiga como as práticas pedagógicas dessa disciplina podem contribuir para a formação cidadã, a valorização das epistemologias negras e indígenas e o enfrentamento das desigualdades raciais no ambiente educacional. Trata-se aqui de uma triangulação metodológica a partir de metodologias inspiradas em pedagogias decoloniais e antiautoritárias com abordagem qualitativa e exploratórias articulando análise documental dos Projetos Pedagógicos do Curso (PPC), revisão de literatura e as técnicas de pesquisas narrativas com os diálogos dos professores e estudantes envolvidos nas ações de ensino, pesquisa e extensão vinculadas à Filosofia e à ERER (Educação para as Relações Étnico-Raciais). Destacam-se iniciativas como rodas de conversa sobre pensamento africano e afrodiaspórico, debates sobre racismo religioso e epistemicídio, além da participação em eventos como o Julho das Pretas e Novembro Negro, promovidos pelos núcleos institucionais. Os resultados indicam que a inserção de perspectivas filosóficas antirracistas no currículo do Ensino Médio Integrado fortalece pensamento crítico dos estudantes e amplia sua percepção sobre diversidade, história e resistência dos povos afro-indígenas. No entanto, desafios como a fragmentação curricular e a resistência institucional ainda representam entraves para a efetiva implementação de uma Filosofia comprometida com a superação das desigualdades raciais. Conclui-se que a articulação entre ensino de Filosofia, NEABI e NEGEDI é essencial para a construção de uma educação mais inclusiva, decolonial e transformadora no IFRN.

Palavras-chave: Filosofia antirracista, ERER/EPT, NEABI, NEGEDI, Ensino médio integrado

INTRODUÇÃO

O ensino de Filosofia no contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT) apresenta-se como espaço estratégico para o fortalecimento de práticas pedagógicas críticas, emancipatórias e socialmente comprometidas. No IFRN – Campus Mossoró, tal disciplina tem dialogado de modo orgânico com os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e com o Núcleo de Estudos sobre Gênero, Diversidade e Inclusão (NEGEDI), consolidando ações que visam a promoção da educação para as relações étnico-raciais (ERER).

¹ Educadora EBTB em Filosofia no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró – RN, Mestre em Filosofia (UECE), euza.raquel@ifrn.edu.br.

A Filosofia, enquanto campo de reflexão sobre a condição humana, pode assumir um papel ativo na luta contra as desigualdades raciais, rompendo com paradigmas eurocêntricos e valorizando epistemologias negras, indígenas e decoloniais. Tal perspectiva encontra respaldo na Lei 10.639/2003 e na Lei 11.645/2008, bem como nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, que orientam a inserção da história e da cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

Nesse sentido, este trabalho busca compreender de que forma o ensino de Filosofia, no âmbito do IFRN – Campus Mossoró, pode contribuir para a formação cidadã e crítica dos estudantes, promovendo o reconhecimento da diversidade e a superação do racismo epistêmico e institucional. A relevância desta pesquisa está em evidenciar que a articulação entre Filosofia, NEABI e NEGEDI fortalece as práticas de ensino, pesquisa e extensão voltadas à construção de uma educação inclusiva e transformadora.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em metodologias inspiradas em pedagogias decoloniais e antiautoritárias. Optou-se por uma triangulação metodológica que articula três eixos principais:

1. Análise documental dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) do IFRN – Campus Mossoró, identificando as diretrizes curriculares e os espaços de inserção da Filosofia Antirracista e da ERER;
2. Revisão de literatura sobre ensino de Filosofia, epistemologias negras e indígenas, estudos decoloniais e pedagogias críticas, com base em autores como Nilma Lino Gomes, Sueli Carneiro, Renato Noguera, Wanderson Flor do Nascimento, Ana Cláudia Sandoval e Luís Carlos Santos, entre outros;
3. Pesquisa narrativa com professores e estudantes envolvidos em ações de ensino, pesquisa e extensão vinculadas à Filosofia, ao NEABI e ao NEGEDI, privilegiando relatos, experiências e práticas pedagógicas em rodas de conversa, oficinas, eventos formativos e debates sobre racismo religioso, epistemicídio e pensamento afrodiaspórico.

O corpus da pesquisa foi construído a partir do diálogo com atividades desenvolvidas nos eventos institucionais, como o **Julho das Pretas** e o **Novembro Negro**, e das práticas de extensão e ensino articuladas aos núcleos. Os dados foram

analisados de forma crítica, visando identificar as potencialidades e desafios para a consolidação de um ensino de Filosofia comprometido com a diversidade, a cidadania e a justiça social.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de um ensino de Filosofia antirracista no Brasil exige o reconhecimento histórico da exclusão de epistemes africanas, afro-brasileiras e indígenas nos currículos escolares. Como aponta Kabengele Munanga (2015), ensinar a história da África e do negro no Brasil é condição para superar estigmas e construir novas formas de pertencimento.

O marco legal que sustenta essa perspectiva está na Lei 10.639/2003 e na Lei 11.645/2008, que alteraram a LDB para incluir a obrigatoriedade da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena no ensino básico. O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares para a EREB (MEC/SECADI, 2013) reforça que a transformação pedagógica depende da formação de professores, da produção de material didático e da articulação com movimentos sociais.

Renato Nogueira (2011, 2019) defende que a Filosofia, se pensada a partir da afroperspectividade, contribui para uma pedagogia da pluriversalidade, capaz de desconstruir o racismo epistêmico e propor horizontes pedagógicos criativos. Na mesma linha, Wanderson Flor do Nascimento (2012) alerta para o silêncio acadêmico sobre o pensamento africano e afro-brasileiro e propõe sua inserção no currículo como ruptura com o monologismo eurocêntrico.

As reflexões de Sueli Carneiro (2023) sobre o dispositivo de racialidade e de Lélia Gonzalez (2020) sobre o feminismo afro-latino-americano aprofundam a compreensão das relações de poder que atravessam a produção de conhecimento. Já Nilma Lino Gomes (2017) evidencia como o movimento negro educador produziu saberes em lutas históricas pela emancipação, os quais precisam ser valorizados pela escola.

No campo da Filosofia da Educação, autores como Diego dos Santos Reis (2020, 2022) destacam que o ensino da disciplina só cumprirá seu papel emancipatório se enfrentar a colonialidade do saber e se abrir ao diálogo com epistemologias subalternizadas. Ana Cláudia Sandoval e Luís Carlos Santos (2014), a partir dos estudos decoloniais e da filosofia africana, reforçam a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam os territórios, contextos e historicidades locais. Portanto, o referencial teórico aponta que a Filosofia no ensino médio integrado, especialmente no âmbito da

Educação Profissional e Tecnológica, precisa ser repensada como prática decolonial, crítica e inclusiva, conectando-se às epistemologias afro-indígenas e às ações institucionais de promoção da igualdade racial, como o NEABI e o NEGEDI.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das ações do IFRN – Campus Mossoró evidenciou que o ensino de Filosofia, em diálogo com o NEABI e o NEGEDI está buscando se constituir como espaço privilegiado para práticas educativas antirracistas. Entre os principais resultados, destacam-se:

1. Inserção curricular de temáticas afro-indígenas: rodas de conversa sobre filosofia africana, epistemicídio e racismo religioso ampliaram o repertório crítico dos estudantes, fortalecendo a cidadania e o reconhecimento da diversidade cultural. Realizou-se rodas sobre epistemicídio, filosofia africana, interseccionalidade.
2. Articulação entre ensino, pesquisa e extensão: as ações vinculadas ao Julho das Pretas, Novembro Negro e outras atividades coletivas possibilitaram vivências concretas de uma Filosofia engajada com a realidade social.
3. Valorização das narrativas de estudantes e professores: por meio da pesquisa narrativa, observou-se que o contato com epistemologias negras e indígenas fortalece a autoestima e o pertencimento dos discentes.

Entretanto, alguns desafios foram identificados:

- Fragmentação curricular, que limita a continuidade das práticas antirracistas no cotidiano escolar.
- Resistência institucional, presente em setores que ainda não reconhecem plenamente a importância da ERER na formação filosófica.
- Necessidade de formação continuada de professores para lidar com os conteúdos e metodologias decoloniais.
- Esses achados confirmam a tese de que a Filosofia pode se constituir como espaço de enfrentamento ao racismo epistêmico, mas sua efetividade depende da articulação constante entre legislação, currículo e práticas institucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que o ensino de Filosofia no IFRN – Campus Mossoró, quando articulado às ações do NEABI e do NEGEDI, assume papel central na construção de uma educação antirracista, plural e emancipatória. Essa articulação amplia o horizonte de reflexão dos estudantes, fortalece a crítica social e valoriza epistemologias historicamente silenciadas.

A inserção de perspectivas filosóficas africanas, afro-brasileiras e indígenas contribui não apenas para o cumprimento da legislação vigente, mas, sobretudo, para a construção de práticas educativas comprometidas com justiça social e democracia. Apesar dos avanços, os desafios identificados — fragmentação curricular, resistências institucionais e carência de formação docente — apontam para a necessidade de políticas mais consistentes e de maior engajamento coletivo.

Conclui-se que a Filosofia Antirracista, em diálogo com a Educação para as Relações Étnico-Raciais, deve ser consolidada como eixo estruturante da formação no ensino médio integrado da rede federal, configurando-se como caminho essencial para a transformação educacional e social no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira. O que o rap diz e a escola contradiz: um estudo sobre a arte de rua e a formação da juventude na periferia de São Paulo. São Paulo: Alameda, 2016.

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira; SIQUEIRA JÚNIOR, Kleber Galvão. Por uma epistemologia sul-americana com base nas culturas afro-brasileiras: um debate sobre o ensino culturalmente relevante nas escolas públicas de ensino fundamental. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 73-102, jul./set. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17539/pdf> Acesso em: 16 maio 2024.

CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson; Outras vozes no ensino de filosofia: o pensamento africano e afro-brasileiro. Revista Sul-Americana De Filosofia E Educação, (18), 74–89. 2012.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino (org.). Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639/03. Brasília, DF: MEC:

UNESCO, 2012. p. 19-33. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260516> Acesso em: 14 mar. 2024.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Rodrigo Marcos de; NEGRI, Edson Cleber; CÂNDIDO, Juarid Rios (org). Filosofia e consciência negra: desconstruindo o racismo. Cuiabá: EdUFMT, 20

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 62, p. 20-31, dez. 2015. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/?format=pdf\(=pt](https://www.scielo.br/j/rieb/a/WxGPWdcytJgSnNKJQ7dMVGz/?format=pdf(=pt) Acesso em: 10 set. 2024.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; DOS SANTOS RIBEIRO, Marcelo. Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. O que nos faz pensar, v. 28, n. 45, p. 434-451, 2019.

NOGUEIRA, Renato. Denegrindo a Educação:: Um Ensaio Filosófico Para uma Pedagogia da Pluriversalidade. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação RESAFE. N.18, Maio-Out/2012, pp.62-67. 2012. Disponível em: < <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523/4124> >. Acesso em: 25. Ago. 2025

NOGUERA, Renato. O ensino de Filosofia e a Lei 10.639. 1ª ed. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

PIZA, Suze; PANSARELLI, Daniel. Eurocentrismo e racismo ou em torno da periculosidade das teorias. Problemata: R. Intern. Fil. v. 8. n. 1 (2017), p. 271-287, e-ISSN 2236-8612.

REIS, Diego dos Santos. A filosofia fora das grades (curriculares): a Lei 10.639/03 e os desafios para um ensino de filosofia antirracista. Revista Teias, v. 23, n. 68, p. 134-146, 2022.

REIS, Diego dos Santos. Saberes encruzilhados:(de) colonialidade, racismo epistêmico e ensino de filosofia. Educar em Revista, v. 36, 2020.

ROZO, Ana Claudia Sandoval; SANTOS, Luís Carlos. Estudos decoloniais e filosofia africana: por uma perspectiva outra no ensino da filosofia. Revista páginas de filosofia, v.6, n.2, p.1-18, jul./dez. 2014.